

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO:
O USO DA GÍRIA E A EXCLUSÃO SOCIAL PELA LINGUAGEM**

Darlene Alves de Oliveira (UEMS)

darlenealves@msn.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

RESUMO

O preconceito é um dos vilões da vida em sociedade e está associado à discriminação de pessoas pela religião, etnia, cor de pele, classe social, preferências sexuais, dentre outros aspectos. Contudo, quando falamos em preconceito devemos considerar também o linguístico que se apresenta de maneira recorrente, porém com menos visibilidade rotulando, excluindo e julgando um falante pelo simples modo como ele interage. Assim, o presente artigo propõe fazer uma análise do uso das gírias usadas por mulheres em situação de cárcere, num presídio feminino de Campo Grande (MS), e verificar como essas são um fator de exclusão social por estarem intimamente ligadas às práticas criminais de suas usuárias. Sendo a linguagem a expressão da vida social e estando ligada à dominação de classes, à manutenção do poder do grupo dominante, se faz necessário combater toda e qualquer forma de preconceito linguístico desassociando o agir de uma pessoa de seu modo de falar. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica na qual serão utilizados aportes teóricos da sociolinguística, recorrendo aos estudos de Marcos Bagno (2007) e Dino Preti (1984), em uma perspectiva sócio-histórico-cultural, buscando assim minimizar os efeitos nocivos do preconceito linguístico relacionado ao falar e a exclusão pela linguagem.

Palavras-chave: Preconceito linguístico. Gíria. Discriminação social.

1. Introdução

O preconceito é uma realidade com a qual convivemos. Diariamente temos conhecimentos de ações preconceituosas que causam danos nocivos às suas vítimas. O julgamento desrespeitoso e depreciativo atinge algumas variedades linguísticas e está diretamente ligado a oralidade de uma língua, pois ao utilizarmos damos mostra de quem somos.

Os parâmetros de classificação social levam a julgamentos e a discriminação. A mulher presa, por exemplo, ao utilizar a gíria é identificada socialmente e sofre, dentre outros, o preconceito linguístico por ser parte de uma comunidade desprestigiada na escala social. Este fato decorre do sentimento de rejeição e repulsa da sociedade pelo ato criminoso praticado por estas mulheres.

Diante dessa questão, analisaremos o uso de gírias utilizadas por mulheres e situação de cárcere, no presídio feminino Irmã Irma Zorzi, em Campo Grande (MS) – EPFIIZ, pontuando-as sob três aspectos: o primeiro discorrerá sobre a discriminação que a mulher sofre também pela escolha de uma variedade linguística; o segundo o uso da gíria como uma estratégia de interação, o terceiro sobre a identificação do falante pela gíria e a exclusão social pela linguagem.

Para a análise recorreremos ao aporte teórico da Sociolinguística com a finalidade de compreender o uso da gíria em uma perspectiva sócio-histórico-cultural. Nesse sentido, o presente artigo objetiva analisar as gírias utilizadas por mulheres relacionando-as com seu ambiente social, pois a escolha dessa variante linguística reflete um estilo que nada mais é que uma adequação à situação em que a mulher presa se encontra.

2. Mulher, preconceito e discriminação

Muito se fala em preconceito e discriminação e quando se trata do gênero feminino a situação se acentua, pois a luta pelos direitos da mulher e conseqüentemente pela diminuição da desigualdade é constante. A exclusão feminina pode ser percebida na distribuição de cargos de liderança, no ganho salarial inferior ao dos homens, na representação política dentre outros. A mulher enfrenta restrições, opressões e sua condição, ainda em tempos atuais, pode ser considerada de vulnerabilidade mesmo com avanços advindos da promulgação de leis que coíbem a violência física, psicológica e prevê punições severas aos seus agressores.

A mulher é vítima de preconceito por ser negra, nordestina, pobre, analfabeta ou por carregar o estigma de ser mulher numa cultura extremamente machista, conforme exemplificou o linguista Marcos Bagno (2007), em seu livro *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, por meio de dona Alice.

Assim como a personagem do livro, existem outras “Alices” que de igual forma sofrem vários preconceitos. Dentre elas, estão às mulheres em situação de cárcere que carregam sob si não só os preconceitos sinalados por Marcos Bagno, mas também o linguístico, pois utilizam a gíria para interagir, um vocabulário totalmente divergente dos padrões gramaticais e que marca negativamente a pessoa que a utiliza considerando-a inferior.

Nenhuma pessoa pode ser considerada inferior pelo modo de falar, assim como nenhuma variedade pode ser considerada superior às outras formas de fala menos prestigiadas. Para Stella Maris Bertoni-Ricardo (2004), as variedades que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada tem de intrinsecamente superior às demais.

O conceito de inferior é oriundo da relação estabelecida entre o que se fala e quem fala. O julgamento entre a língua e o falante é um dos fatores que permite a existência e a perpetuação do preconceito linguístico, que não deixa de ser um preconceito social que resulta na discriminação pela linguagem.

Dizer que tal pessoa ou tal grupo é inferior porque fala de uma forma e não de outra é apenas mais um mecanismo de afirmação e de perpetuação desse preconceito, que se manifesta como preconceito linguístico, mas que nunca deixou de ser social. (COELHO, 2015, p. 65)

Na verdade, estamos diante de juízos de valor motivados por questões sociais que geram o preconceito linguístico e, um dos preconceitos mais fortes numa sociedade é o que se instaura nos usos da linguagem, conforme menciona José Lemos Monteiro (2000, p. 65): "As variantes empregadas por falantes dos estratos mais baixos da população em grande parte são estigmatizadas. E o preconceito é tanto mais forte quanto maior for a identificação da forma com a classe discriminada".

A luta por deixar de lado todos os rótulos discriminadores que tentam classificar as pessoas em categorias supostamente inferiores, não se restringe a Marcos Bagno (2007), mas a todos que buscam refletir sobre as variadas formas de preconceito, sem excluir o linguístico, que tem levado pessoas a serem desprestigiadas, ridicularizadas e alvo de escárnio e chacota pelo fato de não utilizarem um falar de prestígio.

Já vimos que o preconceito linguístico está inserido no preconceito social e há uma transferência das ações do falante para a variação utilizada por ele. Logo, se o falante é considerado pela sociedade como ruim e nocivo, o vocabulário utilizado por ele também será, sob a ótica da sociedade, ruim e nocivo. Dessa forma, a gíria será rejeitada e considerada maléfica pelo simples fato de ser usada por mulheres que cometeram delitos e não pela carga semântica que carregam como veremos no tópico a seguir.

3. *Gíria prisional*

A gíria, segundo Dino Preti (1984) é um vocabulário agregado à linguagem corrente, sendo usada em varias situações e pelos mais diversos tipos sociais de falante. Tende a circunscrever-se aos grupos restritos ganhando condição de linguagem especial, fechada, com funções além da simples comunicação, como por exemplo, a realização pessoal e autoafirmação.

O uso da gíria durante a reclusão ocorre de forma natural e não pode ser considerado como erro, mas sim como modo diferente de se comunicar, pois o erro neste caso não existe como bem define Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004):

A noção de “erro” nada tem de linguista – é um (pseudo)conceito estritamente sociocultural, decorrente dos critérios de avaliação (isto é, preconceitos) que os cidadãos pertencentes à minoria privilegiada lançam sobre todas as outras classes sociais. Do ponto de vista estritamente linguístico, o erro não existe, o que existe são formas diferentes de usar os recursos potencialmente presentes na própria língua. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 8)

Podemos considerar a gíria prisional como um recurso linguístico utilizado no ambiente de reclusão para estabelecer relações interpessoais e serve para demonstrar parceria, cumplicidade e naquele contexto interacional, um meio ideal de comunicação.

Sabemos que as escolhas linguísticas são fortemente influenciadas pelo papel social que a pessoa desempenha no momento da fala. No trabalho usamos palavras que denotem impessoalidade, distanciamento e formalidade. No seio familiar e com amigos usamos palavreados simples, pois estamos em um ambiente de total informalidade.

Desse modo, a mulher presa utiliza a gíria para estabelecer e manter relacionamentos com o grupo no qual é parte e seu interagir reflete o modo e os padrões de comportamentos daquela comunidade linguística. Para Dino Preti (1984), existem duas direções: de um lado, um grande número de termos da vida normal que adentra o ambiente carcerário; de outro, um considerável número de vocábulos e expressões da vida marginal que se introduz na linguagem corrente.

Esse estudioso faz a correlação das duas direções, vida normal e ambiente carcerário, e exemplifica realizando o nivelamento linguístico por meio das gírias comuns e marginais apresentadas no quadro abaixo:

Gíria marginal	Significado
Bagulho	Maconha

Barato	Estado de euforia de quem está drogado
Mina	Mulher de malandro, prostituta
Patota	Grupo de malandros
Gíria comum	-----
Carango	Automóvel
Sufoco	Confusão
Barra suja	Com problemas
Mole	Fácil
Fruta	Efeminado

(PRETTI, 1984, p. 24)

Nota-se, portanto que o vocabulário gírio possui expressividade, está inserido na linguagem usual dos brasileiros, é aceito em alguns contextos, sendo possível identificar o valor semântico de algumas gírias em ambas situações.

Convém salientar que nem sempre é possível essa identificação e quando a gíria é identificada somente como prisional a coisa muda, pois o valor linguístico passa a ser atribuído ao falante e não a palavra, resultando no preconceito linguístico que reflete o preconceito social, uma vez que a sociedade é dividida em classes e estas, julgam e avaliam o falante, como veremos a seguir.

4. *Gíria: identificação pela gíria e exclusão pela linguagem*

Sabemos que a língua, reflete a cultura de um povo e sem o uso partilhado de um código linguístico não há comunicação entre as pessoas e tampouco integração social. Para Louis Jean Calvet (2002), a língua apresenta variações em três eixos: variações diatópicas (correlatas aos lugares), variações diacrônicas (correlatas às faixas etárias) e variações diastráticas (correlatas aos grupos sociais) e menciona que há uma variável linguística quando podemos dizer a mesma coisa de forma diferente:

Temos, pois, variável linguística, quando duas formas diferentes permitem dizer “a mesma coisa”, ou seja quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles mantêm tem uma função estilística ou social. (CALVET, 2002, p. 91)

O uso de algumas palavras diferentes para dizer a mesma coisa, segundo Louis Jean Calvet (2002) obedece a escala social. Segundo o autor, as classes abastadas falam de uma forma e as classes desfavoráveis falam de outra, porem a utilização de uma ou outra forma é inconsciente, involuntária e indica algo sobre a categoria social o falante.

Isso revela que as escolhas linguísticas estão diretamente relacionadas a fatores sociais, e que quanto maior o prestígio de uma classe social, maior será a valorização da variante linguística utilizada por ela, ao passo que as classes de menor prestígio social terão suas variantes linguísticas rejeitadas e desprestigiadas pela classe dominante.

Ora, se toalete, banheiro, latrina, exemplificados por Louis Jean Calvet (2002), evidencia uma variável de uma escala social onde as classes abastadas usam preferentemente toaletes e a classes desfavorecidas latrina, identificando o falante pela categoria social. De igual forma, as palavras cama e jega levam a mesma correlação refletindo a identidade sociocultural do falante e revelando a que grupo ele pertence.

Partindo desse princípio, não existe razão linguística para separar a gíria da língua em uso, pois a escolha por esta variável linguística remete ao eixo diastrático, refletindo o comportamento social de um grupo e identificando seus usuários.

O conceito sociológico apresentado por Stella Maris Bertoni-Ricardo (2004) menciona que o falante adota comportamentos semelhantes as pessoas com quem convive em sua rede social e por isso a rede social de um indivíduo, constituída com quem ele interage nos diversos domínios sociais, é um fator determinante das características de seu repertório linguístico.

Para mostrar, em termos gerais, que a gíria reflete o comportamento social de um grupo e o falante adota comportamentos semelhantes às pessoas com quem convive, apresentaremos algumas gírias usadas pelas presas do EPFIIZ, no quadro a seguir:

Gírias	Significado
Chorona	Carta
Giz	Cigarro
Farinha	Droga (cocaína)
Brinquedo	Revólver
Jega	Cama
boi	banheiro

A mulher presa, ao falar usando a gíria, mostra sua condição de presidiária e conseqüentemente sua inserção a um grupo social desprestigiado e estigmatizado pela sociedade, pois o vocabulário gírio identifica o grupo que o utiliza.

As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certo modo, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre o local de

onde viemos, o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, quando nascemos, com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações. (COELHO, 2015, p. 16)

Ao ter sua condição de presa reconhecida pela fala, por ser alvo de todo tipo de preconceito e julgamento negativo e por saber o valor social que é atribuído aos usos linguísticos, a mulher tem sua situação social agravada porque assim como as pessoas detentoras de conhecimento e poder gozam de prestígio e transferem esse prestígio para a variedade e linguística que falam, as classes desprestigiadas, como já mencionamos, também carregam sobre si o estigma de algo ruim, feio e errado.

A visão trágica da vida na prisão e da condição de prisioneira são ressaltadas pelo metáforismo gírio que expressa seu desprezo pela sua própria condição de presa, subestimando-se e subestimando o grupo que a segrega com relata Dino Preti (1984, p. 25):

Na gíria carcerária, a cela é expressa, entre outras, pelo vocábulo jaula, que expressa o sema não humano; camburão, vaso em que os presos, durante a faxina, transportam os resíduos fecais, é empregado para o carro de transporte de presos; abutre, para o detento que explora o companheiro, vendendo-o, delatando-o, com benefícios próprios, celas das noivas é, no seu humor amargo, aquela em que os prisioneiros passam a primeira noite, não raro sujeitos às violências sexuais dos líderes.

Curioso é que a sociedade que discrimina e julga o a mulher presa pelo modo de falar recorre a algumas gírias pelo fato de serem usadas por falantes de prestígio e aceitação social e pelo fato de seus usuários estarem perfeitamente integrados na comunidade como exemplifica Dino Preti (1984, p. 26):

Referimo-nos, por exemplo, à gíria dos médicos e hospitais (como papagaio e comadre), dos militares (como mocorongo), dos estudantes em geral (como cola, encher linguíça), dos esportes, em particular o futebol (como frango, chapéu, chuveirinho) etc.

Yvonne Leite e Dinah Callou (2004, p. 8) afirmam que “para o linguista, todo homem é igual não só perante a lei, mas também frente a sua capacidade linguística”. O que ocorre é uma variabilidade na produção, muitas vezes determinada por fatores sociais.

Estamos diante de um processo perverso de exclusão social pela linguagem baseada no preconceito linguístico e precisamos somar forças e combatê-lo, pois tem levado pessoas a serem desprestigiadas, ridicularizadas e alvo de escárnio e chacota pelo fato de não utilizarem um falar de prestígio.

Não se trata de supervalorização do vocabulário gírio, mas de uma consciência de que ele existe, que em certos momentos torna-se o vocabulário ideal, expressando estados afetivos, cumplicidade e identidade de um grupo e continuará como elemento diferenciador de certos grupos como afirma Dino Preti (1984, p. 8)

O certo é que, independentemente de leis e decretos regularizadores da boa linguagem ou de quaisquer campanhas moralizadoras, independente da ação dos meios de comunicação de massa, nivelando as variações pela norma comum, ou da imposição do dialeto culto pela escola, a gíria, esse vocabulário continuará como elemento diferenciador e catártico, a que certos grupos (e afinal, as camadas mais diversas da população) jamais renunciariam, sob pena de perderem uma das formas mais eficientes de marcarem sua presença na grande comunidade.

Reconhecemos a heterogeneidade e a diversidade da língua e sabemos da importância do domínio das regras linguísticas que gozam de prestígio, mas não desvalorizamos nenhuma variedade linguística adquirida nas relações sociais.

Portanto, não considerar a gíria utilizada pela comunidade prisional, como variedade linguística, seria uma contradição aos princípios básicos da teoria sociolinguística e a ratificação do preconceito linguístico/social que reflete, na verdade, a discriminação que a sociedade nutre com relação às mulheres em situação de cárcere.

5. Considerações finais

Esse artigo apresentou uma análise sociolinguística das gírias utilizadas, por mulheres presas, no presídio feminino Irmã Irma Zorzi, em Campo Grande (MS), pontuando aspectos como: a discriminação que a mulher sofre também pela escolha de uma variedade linguística; o uso da gíria como uma estratégia de interação, e identificação do falante pela gíria, bem como a exclusão social pela linguagem.

Percebemos a influência dos fatores sociais na escolha do vocabulário gírio e a importância de se levar em conta o contato interpessoal sem julgar uma variedade linguística como certa ou errada, mas buscando respeitar as diferentes formas de falar, lutando contra a discriminação e exclusão social pela linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CALVET, Louis Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- LEITE, Yvonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz/Universidade de São Paulo, 1984.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1995.